

# Análise da relação existente entre Clarice Lispector (1920-1977) e algumas escritoras portuguesas

MARÍA VICTORIA NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ \*

Tradução: Flávio Adriano Nantes Nunes \*\*

**RESUMO:** Neste trabalho, em primeiro lugar, se abordam os laços que certos pesquisadores estabelecem entre a escritora brasileira (1920-1977) e algumas escritoras portuguesas, a saber: Agustina Bessa-Luís (1922-), Teolinda Gersão (1940-), Lídia Jorge (1946-) e Adília Lopes (1960-). Em segundo, busca verificar se existem algumas influências da autora brasileira ou não ou se a relação é meramente fortuita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adília Lopes; Agustina Bessa-Luís; Clarice Lispector; Lídia Jorge; Literatura portuguesa; Teolinda Gersão.

**ABSTRACT:** In this paper, we first investigate the links established by some researchers between Brazilian author Clarice Lispector (1920-1977) and Portuguese writers such as Agustina Bessa-Luís (1922), Teolinda Gersão (1940), Lídia Jorge (1946), and Adília Lopes (1960). Secondly, we examine whether these links reveal any influence from Lispector or if this connection is merely fortuitous.

**KEYWORDS:** Adília Lopes; Agustina Bessa-Luís; Clarice Lispector; Lídia Jorge; Portuguese Literature; Teolinda Gersão.

---

\* Departamento de Filologia Românica, Filologia Eslava e Linguística Geral – Facultad de Filología – Universidad Complutense de Madrid – UCM - Ciudad Universitaria – 28040 – Madrid – Espanha. E-mail: mvnavas@filol.ucm.es

\*\* Departamento de Letras Modernas - Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CCHS - 79070-900 - Campo Grande - MS - Brasil. E-mail: fa.nantes@gmail.com

## Apresentação

Durante a elaboração de um estudo sobre Lídia Jorge (1946-), verificamos (NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, 2014) o interesse que essa escritora portuguesa havia manifestado em relação à escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), ao escrever em 1989, um prólogo para a edição portuguesa do conjunto de contos intitulado *Laços de família*. Isso nos impulsionou a fazer a pesquisa acerca da possível intertextualidade entre as autoras portuguesa e a já mencionada Clarice Lispector.

Em uma breve caracterização de Lídia Jorge, romancista, contista, ensaísta, dramaturga e poeta, ademais de professora de língua e literatura portuguesas, assinalamos que essa autora se enquadra numa geração que, nascida por volta dos anos 30 do século passado, começou a publicar na década de 70. Trata-se de um grupo nomeado de “escritoras de gênero”. Referimo-nos a uma literatura escrita por mulheres, mas isso não quer dizer que elas sejam, como veremos adiante, todas feministas. Para exemplificar, citamos Maria Teresa Horta (1937-), Maria Velho da Costa (1938-), Maria Isabel Barreno (1939-), (denominadas as “três Marias”, autoras de *Novas cartas portuguesas*, 1972), Ivette Centeno (1940-) (*No jardim das noqueiras*, 1982), Olga Gonçalves (1929-2004) (*A floresta em Bremerhaven*, 1975), Helena Marques (1935-) (*O último cais*, 1992), e algumas mais jovens que começaram a publicar nos anos 80, como por exemplo, Hélia Correia (1949-) (*Montedemo*, 1983), Luísa Costa Gomes (1954-) (*13 contos de sobressalto*), ademais da própria Lídia Jorge. De qualquer modo, é preciso esclarecer que essas escritoras não aceitam o termo “feminista” ou “criação feminista” para sua escritura. Chamar de feminista ou usar a palavra feminismo em Portugal pode significar, segundo Lessa, “uma forma de insulto” e “em sua grande maioria [as] mulheres sentem-se na obrigação de explicar que não são feministas, ou ao menos, que não pertencem ao grupo tido como radical” (LESSA, 2011, p. 41).

Convém assinalar que a produção feminina em Portugal havia começado anteriormente com a poeta Florbela Espanca (1894-1930), fundadora do processo de reconhecimento da escritura feminina: *Charneca em flor* (1931), *As máscaras do destino* (1931). Agustina Bessa-Luís (1922-) denuncia a condição da mulher em *A sibila* (1954); sobre esta comentaremos mais adiante.

A literatura feminina brasileira começa a partir da mesma década, nos anos 70. “É a emergência do diferente, o descobrimento da alteridade e do Outro [...]” (RECTOR, 1996, p. 01). Aqui, não se trata de apresentar – em relação à mesma crítica – a literatura feminina em oposição à masculina, senão um momento histórico-cultural de mudanças, onde a crise do mundo feminino se relaciona com o homem, mas também com a própria condição de transição da mulher. Nessa produção há temas denominados femininos, porém em nível de discurso aparecem também certos aspectos linguísticos entendidos como femininos – ainda que estes também façam parte da escritura pós-moderna –, como a palavra fragmentada, elementos de oralidade, o uso abusivo da primeira pessoa do singular. Ademais, a partir das décadas de 70 e 80, as escritoras tratam sobre “o tema da busca do ser e o que significa o ser estar-no-mundo [...] As escritoras utilizam, por exemplo, o romance-montagem, que usa a

intertextualidade, a relatividade da verdade e o foco narrativo múltiplo” (RECTOR, 1996, p. 03). Destacam-se num primeiro momento, entre outras, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles (1923-).

Clarice Lispector, romancista e contista, ademais de cronista, faz parte do terceiro momento modernista brasileiro, também denominado por alguns como Neomodernismo (MOISÉS, 2009, p. 287). É um movimento que surge em 1945, fim da II Guerra Mundial e chega até os dias atuais. Essencialmente estes escritores brasileiros lutam por dar uma reviravolta no romance que ainda mantinha um caráter social e realista de outrora e também para mudar a forma e a estrutura da ficção (MOISÉS, 2009, p. 339). Dentro deste grupo, além da autora em questão, podemos incluir, entre outros, João Cabral de Melo Neto (1920-1999) (*O engenheiro*, 1945) e Guimarães Rosa (1908-1967) (*Grande sertão: veredas*, 1956). Todos eles empreendem propostas inovadoras, porém sem aderir ao princípio das vanguardas pelas vanguardas (MOISÉS, 2009, p. 340).

A característica central da obra de Clarice Lispector, o que a converte em *sui generis* em relação a outros escritores de sua geração, é centralizar tudo o que escreve em seu “eu”, em um “eu” fictício ou não, como método para descobrir a si mesma e técnica de aprendizagem dela mesma. De modo que, para Clarice Lispector, escrever um romance, um conto, uma crônica, é o mesmo que escrever um diário, uma autobiografia; dá voz, por intermédio de suas personagens, a seus *alter egos*, numa série de monólogos interiores. Por meio de suas criações, Clarice Lispector tenta responder a si mesma as perguntas “Quem sou eu? Como sou? [...] quem sou realmente? E eu sou?” (MOISÉS, 2009, p. 343) na busca do mistério que é ela mesma. Outro adjetivo que costumam dar à escritora é o de existencialista e, de fato, encontramos em sua obra um vocabulário típico do movimento, como por exemplo, “náusea”, a interrogação “ao Destino, à Vida, ao Mundo” (MOISÉS, 2009, p. 345). Tudo isso no interior de uma prosa poética que se aproxima de Katherine Mansfield, Virginia Woolf ou James Joyce. Surrealista foi outra classificação que a crítica deu à Clarice Lispector (PERI ROSSI *apud* ARF, 2013, p. 126). Assim, “Em vez de buscar o realismo nas exterioridades, como se fazia então nos romances documentais brasileiros, Clarice submergia em busca dos conflitos existenciais do ser” (ARF, 2013, p. 120). Desta forma “cada um de seus romances, [...] será o relato de uma experiência interior, por um périplo pelas paisagens da consciência” (MAURA *apud* ARF, 2013, p. 128). Outra característica sua é que “Lispector rompe com uma literatura brasileira masculina, rural por natureza, que passa então a ter um olhar de mulher, um olhar urbano, contemporâneo” (LOSADA *apud* ARF, 2013, p. 131). Em suma, o que identifica Clarice Lispector é “O tratamento dado à mulher. Uma linha que questiona o modelo tradicional e trata de uma literatura produzida por uma mulher que elege como personagem central a outra: a mulher dona da voz” (ROCCO-CUZZI *apud* ARF, 2013, p. 123). “Um olhar de mulher”, “uma escrita de mulher”, “olhar de mulher inteligente”, “o mundo da mulher”, “os signos de uma realidade subjacente”, entre outras, ilustram um modo de vida feminino que parece predominante na literatura clariciana” (LOSADA *apud* ARF, 2013, p. 133). No entanto, é conveniente apontar que a própria Clarice Lispector “recusou o conceito de ‘literatura feminina’ ridiculizando a definição que Álvaro Lins quis lhe atribuir

desde quando ele começou a propô-la” (SÁ *apud* ARF, 2013, p. 172).

Em uma primeira investigação nas obras de escritoras portuguesas surgidas depois de 25 de abril de 1974, as que haviam começado a publicar a partir dos anos 70, e, para exemplificar, nos centramos numa escritora pioneira na denominada literatura feminista e contemporânea de Clarice Lispector, Agustina Bessa-Luís, depois em duas autoras de uma geração literária posterior, Lídia Jorge e Teolinda Gersão e também na poeta de uma terceira geração Adília Lopes. Pretendemos, então, apresentar o estado da questão, até onde chegamos a propósito das revelações das próprias escritoras portuguesas sobre a criação de Clarice Lispector, e, ao mesmo tempo, dar conta daqueles textos que a crítica enfrentou em relação às obras das escritoras portuguesas com algumas da autora brasileira.

### **Clarice Lispector e Agustina Bessa-Luís**

Agustina Bessa-Luís, contista infantil, biógrafa, dramaturga, faz parte do grupo de autores como Carlos de Oliveira (1921-), Vergílio Ferreira (1916-1996), Sophia de Mello Breyner (1919-2004) ou Natália Correia (1923-1993), que nasceram na década de 20 e começam a publicar na década de 40. O neorrealismo perde neste período sua hegemonia para dar lugar à experimentação estética, mas sem abandonar o compromisso político. Estes escritores foram influenciados pelos romancistas norte-americanos Faulkner, Dos Passos e Hemingway (GARCÍA, 2011, p. 371-378) e pelo *nouveau roman* francês. Com um estilo muito pessoal, mescla o telúrico, o autóctone e o intuitivo, Agustina Bessa-Luís publica o destacado romance *A sibila*, em que a escritora “segue o ritmo elíptico e reiterativo da memória e não o linear como convencionalmente se costuma representar o transcurso do tempo” (GARCÍA, 2011, p. 379). Sendo a memória o fio condutor da protagonista, o que é narrado se vê sempre por uma perspectiva subjetiva, como um exercício individual que põe em xeque o dogma absoluto e se “questiona a existência de uma única verdade” (GARCÍA, 2011, p. 380).

Na pesquisa bibliográfica que tivemos acesso, encontramos dois estudos que estabelecem semelhanças entre as obras de Clarice Lispector e Agustina Bessa-Luís. Primeiramente, Dal Farra (2012) analisa os romances de Clarice Lispector: *A maçã no escuro* (1961) e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), e de Agustina Bessa-Luís: *A sibila* e *Homens e mulheres* (1967). Dal Farra (2012) mostra a maneira em que o feminino aparece representado em ambas romancistas: a inadaptação ao mundo estável, o risco que as protagonistas correm ao romper com a rotina literária, o que as leva, por um lado “a mergulhar num quente, móvel e colorido abismo e, de outro, a se manterem a salvo dele para registrar essa mesma fascinação pelo mistério que encerra” (DAL FARRA, 2012, p. 01). A mesma crítica figura, em 2014, na *Revista Chilena de Literatura* e faz um estudo comparativo entre a obra de Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.* (1964), e a de Agustina Bessa-Luís, *A Sibila*, no sentido de que ambas se valem da “natureza mística” feminina para expor a inadaptação de suas heroínas no mundo “estabilizado” e para desestabilizar “o código romanescos” e fazer “um mesmíssimo trabalho astuto, solapando as bases culturais, estruturais e ideológicas de onde

partem” (DAL FARRA, 2014, p. 67).

### Clarice Lispector e Lídia Jorge

Aproximando-nos no tempo, nos centramos agora em Lídia Jorge para conhecer a possível intertextualidade que se manifesta entre sua produção e a de Clarice Lispector. A pesquisadora Lessa (2011) encontra semelhanças entre ambas escritoras nos textos *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, e *O dia dos prodígios* (1980), de Lídia, no sentido de que denotam uma “tendência e uma familiaridade com o ser mulher (LESSA, 2011, p. 18), ou seja, são “representativos de uma dinâmica feminina, mas não necessariamente feminista” (LESSA, 2011, p. 62). Seguramente, enfatiza ainda a crítica, existe uma distância geográfica e de geração entre ambas autoras, mas o fato de sua condição feminina lhes aproxima e lhes permite “falar sobre a condição da mulher sob diferentes perspectivas e condições” (LESSA, 2011, p. 05). Esse trabalho as duas autoras o realizam por caminhos diferentes, pois Clarice parte do individual, a protagonista Lóri, para o coletivo, enquanto que Lídia parte da sociedade para o indivíduo (LESSA, 2011, p. 63), por intermédio de um conjunto de mulheres: Carminha Rosa, Carminha Parda, Branca Volante, Jesuína Palha e Esperança Teresa, que representam a mulher. Lídia Jorge mostra nesta obra sua clara intenção de “apresentar o mundo através da concepção de suas personagens femininas” (LESSA, 2011, p. 40). Enquanto que a protagonista de *Uma aprendizagem*, Lóri (Lorelay) “está em seu processo de descoberta e escolha: a vida independente de uma mulher com uma profissão, ou a vida entregue ao amor ou matrimônio [que busca] a verdadeira essência de viver” (LESSA, 2011, p. 19). Trata-se, definitivamente, nas palavras da mesma pesquisadora, de trabalhos “feminilizados”, entendida esta qualificação no sentido de “que não há aspectos determinantes femininos ou masculinos com relação a um texto literário” (LESSA, 2011, p. 62).

Castro (2013), de sua parte, encontra analogias entre a obra de teatro *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos* (1964), de Clarice Lispector, e o conto “Marido” (1997), de Lídia Jorge. O tema comum nas duas obras é o das mulheres submissas: Lúcia, a portuguesa; e Pecadora, a brasileira, que só “encontram na morte uma última e dolorosa possibilidade de fala e de poder. [...] ambas morrem numa luta inglória e desigual com o masculino, [para assim] [...] encontrar, um lugar onde a respiração seja possível no mundo falocêntrico” (CASTRO, 2013, p. 101).

Outra faceta comum, agora relacionada com o compromisso social de ambas escritoras, tendo sempre como pano de fundo personagens femininos, como assinala Ferro (2009), nos romances *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, e *O vale da paixão* (1998), de Lídia Jorge. No primeiro caso, a autora está mais preocupada em representar com arte a situação “desprivilegiada” de Macabéa, que mostrar uma tendência “política militante”. No segundo caso, observa-se a situação de Portugal do “pós 25 de abril de 1974”.

Clarice Lispector, em *Laços de família* (1960), reúne vários contos que na edição

portuguesa tem um prefácio, “Para Clarice Lispector” (1989), de Lídia Jorge. Ao longo de seis páginas que compõem o referido prefácio, a autora demonstra que se aprofundou na obra de Clarice Lispector, escritora que conheceu graças a Vergílio Ferreira. Em primeiro lugar, Lídia Jorge estranha o fato de que a obra da brasileira seja tão pouco conhecida em Portugal, sobretudo porque “trata-se de um dos mais singulares escritores da nossa língua” (JORGE, 1989, p. 01). E que esta seja a primeira edição de Clarice, em Portugal, passados quase 30 anos da primeira publicação desse conjunto de contos. Lídia Jorge, parece-nos, está encarregada de apresentar em Portugal, por intermédio desse prefácio, as características da poética de Clarice Lispector. Chama a atenção da pesquisadora que sendo esta uma referência obrigatória para o público universitário que pesquisa sem cessar sua obra, em Portugal, seja uma desconhecida. Com toda razão, devemos aceitar sua estranheza, pois na opinião de Lídia Jorge

a prosa de Clarice assenta em uma daquelas raras escritas da qual se sai diferente quando uma vez lá se entrou, como se ela mesmo fosse e contivesse em si a oferta duma revelação surpreendente e por vezes devastadora (JORGE, 1989, p. 02).

Parece que o desconhecimento existente em Portugal sobre Clarice Lispector, que Lídia menciona foi modificado. Dois exemplos disso: em 2009 aconteceu um Colóquio Internacional sobre a brasileira na Fundação Fernando Pessoa, em Lisboa<sup>1</sup>; e em maio de 2013, Lídia Jorge proferiu uma conferência na Fundação Calouste Gulbenkian, sobre Clarice Lispector.

O elogio à obra da brasileira não aborrece ao longo do referido prólogo quando assinala que “as páginas de Clarice [...] incomodam a ponto doer” e quando indica que sua poética tem uma qualidade semelhante à de escritores contemporâneos como Kafka, Joyce, Virginia Woolf e Faulkner. Lídia Jorge também destaca um fato já mencionado anteriormente, que a escritura para Clarice é vida e se não escreve se sente como se estivesse morta. Nesse sentido, para a portuguesa, Clarice constitui a “escritora perfeita” (JORGE, 1989, p. 03). De qualquer modo, Jorge confessa que a escritura da brasileira que mais lhe parece interessante não está em seus romances nem em seus textos longos, senão nos fragmentos, onde “melhor [encontra] a sua arte poética e o espanto da existência, no fundo as duas matérias compulsivas da sua Arte” (JORGE, 1989, p. 03), não em textos amplos que unem os “pequenos incidentes autónomos”. Lídia Jorge destaca também a viagem ao interior até chegar ao nada que aparece nesses contos que analisa; viagem que, sem dúvida, nos remete a Sartre. Por último Lídia Jorge assinala as influências de certo simbolismo e decadentismo que se manifestam na obra de Clarice Lispector, que atribui ao tempo histórico em que viveu e do qual é devedora. Apesar do excelente conhecimento que Lídia Jorge demonstra na apresentação da obra de

---

1 Deste Colóquio Internacional participaram conferencistas como Clara Rowland e Nádia Batella Gotlib; foram lidos fragmentos da obra da autora e figuravam entre suas leitoras: Cristina Elias, Nádia Batella Gotlib, Clara Rowland, Rita Elmôr, Maria Antónia Fiadeiro, Ana Paula Tavares, Patricia Lino. Ademais, foi representado *Que mistérios tem Clarice?*, baseado nos textos da escritora e interpretados por Rita Elmôr, além de *Clandestina felicidade*, sobre a vida e obra de Clarice, sob responsabilidade Inês Pedrosa.

Clarice Lispector, a portuguesa rechaça os estudos que tratam da intertextualidade entre sua obra e a de Clarice Lispector. Deste modo, quando a ginocrítica relaciona Clarice Lispector com o romance psicológico de Lídia, *A noite das mulheres cantoras* (2011), onde se aborda o desejo da fama efêmera, protagonizado por cinco jovens cantoras que buscam o sucesso imediato a todo custo, ela o nega com estas palavras:

Clarice é uma escritora tão intensa e tão excessiva que ninguém pode inspirar-se nela. Ela queima, é como Fernando Pessoa para nós. Temos que ler, admirar e, a seguir, esquecer, para podermos depois, na escrita, sermos nós próprios. O que acontece, prossegue, é que existem modos de ser que podem coincidir. Um dia disseram-me que tínhamos em comum, o manejo de uma certa feitiçaria feita na sala de jantar, em climas domésticos, escondendo, atrás do mundo anódino, aparições inesperadas. Isso será mesmo assim? Não sei. Talvez um fundo contemporâneo animado pelas palavras, ou mesmo um fundo místico, possa explicar alguns traços de semelhança (DUARTE, s/p, 2012).

Talvez o que haja em comum entre Clarice e Lídia, sejam os mesmos referentes literários, por exemplo, Virginia Woolf, Faulkner e Teolinda Gersão, em que Virginia Woolf também parece estar presente.

### **Clarice Lispector e Teolinda Gersão**

Teolinda Gersão, romancista, contista e professora universitária, faz parte da geração de escritores que começa, como Lídia Jorge, a escrever depois de 25 de abril de 1974. Sua obra trata de temas sociais e políticos, quase sempre protagonizada por personagens femininas, o que, uma vez mais, não significa que a romancista seja feminista, pois seu pensamento filosófico e social é maior que o simples feminismo. A crítica estabeleceu laços entre algumas obras de Clarice Lispector e de Teolinda Gersão. Assim, Carvalho (2011) empreende um estudo comparativo entre o romance *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, e *O silêncio* (1981), de Teolinda Gersão. Na opinião desta pesquisadora ambas escritoras trabalham a forma, a estrutura e a linguagem de suas criações de maneira semelhante, pois tanto uma como outra fogem das formas tradicionais e se orientam pela metaliteratura. Ademais, as duas tratam de questões

existenciais, em que as personagens das obras, o “eu” de *Água viva* e “Lídia”, personagem de *O silêncio*, refletem sobre o “estar” na vida, sobre o “ser”, sobre como se posiciona o ser frente às questões do cotidiano, do mundo, ou seja, o viver, o “estar no mundo. Nesse sentido, a solução que as escritoras encontram para refletir sobre isso é a literatura, espaço onde elas se sentem à vontade para pensar na vida, no existir. A partir do momento em que Teolinda e Clarice empreendem esse projeto de tratar de elementos da realidade do homem por meio da “linguagem/palavra” acabam efetuando metaliteratura (CARVALHO, 2011, p. 19).

Um trabalho desenvolvido por Mendes (1997) analisa *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e outro já mencionado, *O silêncio*, de Teolinda Gersão. Nessa pesquisa, a investigadora se volta ao tema da metaliteratura feminina comum nos dois textos. Já Leal (2007) com base no conto “O silêncio” e no romance *A hora da estrela*; em *O silêncio* e *Cavalo de sol* (1989), de Teolinda, considera que tanto a brasileira como a portuguesa “rompem novos espaços e expressões que demonstram vozes da inscrição do sujeito feminino na história, promovendo a emergência do feminino e questionando lugares tácitos sócio-culturais” (LEAL, 2007, p. 01). Machado (2004), por sua vez, encontra “paralelismos intertextuais” entre os contos “Uma galinha”, de *Laços de família* (1960), da brasileira, e “As laranjas”, incluído em *Histórias de ver e andar* (2002), da portuguesa, pois em sua opinião ambas têm Dostoiévski e o romantismo alemão como pano de fundo e “exploram elementos temáticos estruturantes muito parecidos” (MACHADO, 2004, p. 44), como por exemplo, algo que rompe a rotina cotidiana, a condição feminina, a morte como dor ou redenção, o sonho. Entre outros pesquisadores<sup>2</sup> atuais, Queiroz, em 2014, analisa as personagens femininas em *Água viva*, de Clarice Lispector, e em *O silêncio*, de Teolinda Gersão, e conclui que ambas obras mostram um processo semelhante no que se refere à construção dos tipos femininos, no sentido de que cada uma das respectivas protagonistas são verdadeiros quebra-cabeças que o leitor deve reconstruir para empreender o significado. Helena (2010) compara as duas escritoras e afirma que elas “rompem novos espaços e expressões que demonstram vozes de um sujeito feminino, promovendo as necessidades do mundo feminino e questionando lugares, e as origens socioculturais” (HELENA *apud* MONTFORT, 2011, p. 01). Dias (1992), em sua tese de Doutorado<sup>3</sup> confronta a prosa de Teolinda Gersão com a de Proust, Joyce, Virginia Woolf, Katherine Mansfield e, o assunto que aqui nos interessa, com Clarice Lispector. Justifica essa afirmação porque considera que eles

realizam uma sondagem do mundo interior das personagens, por meio do introspectivismo, do fluxo de consciência, da projeção móvel dos pontos de vista e dos desdobramentos das personagens, revelando uma escrita que ‘desfibra ao máximo suas pontencialidades para (des)velar os mistérios da personalidade e expressar o indizível’ (DIAS *apud* COSTA, 2008, p. 02).

Por último, neste *corpus* bibliográfico, queremos citar a opinião de Moisés sobre o conto “Feliz aniversário” (1960), de Clarice Lispector, que recorda outro, “A velha” (2002),

---

2 Outros estudiosos sobre Clarice e Teolinda, sem querer ser exaustivo de nossa parte, se leram no recente Congresso *Percursos interculturais luso-brasileiros*, celebrado no Rio de Janeiro, em setembro do ano passado (2014). Neste evento Sophia Gaspar Leite apresentou a comunicação “Memória e esquecimento em *A cidade sitiada* (1949) e *A casa da cabeça de cavalo* (1995): onde Clarice Lispector e Teolinda Gersão se encontram”. V. Arêas (1995), também trabalhou na intertextualidade de ambas escritoras num texto que não tivemos acesso. Ademais, Maria Teresa Horta (1937-) em seu penúltimo conto “Sem culpa”, incluído em *Meninas* (2015), recria a personagem de Clarice Lispector e inclusive inclui uma citação da própria brasileira, “A criança que nela se anula talvez hesite, mas a mulher que já cresce no seu corpo vence-a”. Outras consultas, supostamente, localizem novos estudos intertextuais entre autoras portuguesas e Clarice Lispector.

3 N. EE.: Cf. DIAS, M. H. M. *O pacto primordial entre mulher e escrita na obra ficcional de Teolinda Gersão*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Maiores informações: <<http://pos.fflch.usp.br/node/42175>>.



de Teolinda Gersão, no que se refere à “tendência para o pormenor’ e o gosto por narrativas que ‘culminam em tragédia e perdição” (MOISÉS *apud* FILHO, 2012, p. 02).

Apesar de todos os trabalhos acima expostos que relacionam Teolinda Gersão e Clarice Lispector, a portuguesa não se sente identificada com a brasileira, como se pode deduzir de suas palavras, em 2009, em “A vida sob leitura: primeiros encontros com Teolinda Gersão”:

há nela toda uma vertente metafísica que a mim não me seduz nem me interessa. Quanto mais vou avançando na vida, mas sinto isso. Apesar de toda admiração e ternura que tenho por Clarice, aquele lado ascético, o lado que diz “não” à vida comum e passa de certo modo ao lado do cotidiano e da vida banal e real dos outros, a troco de uma qualquer revelação transcendente, que no fundo é uma miragem, esse lado, para dizer a verdade, enerva-me... (GOMES *apud* RIBEIRO, 2009).

No entanto, sabemos que Teolinda Gersão divulgou a obra de Clarice, pois, apresentou, por exemplo, em abril de 2013, um livro da pernambucana sobre algumas crônicas reunidas sob o título de *A descoberta do mundo* (1984), na Livraria Bertrand do Chiado Lisboa, e em julho desse mesmo ano realizou uma sessão na televisão portuguesa sobre esse livro no programa *Ler Mais Ler Melhor*.

### **Adília Lopes e Clarice Lispector**

Adília Lopes, pseudônimo de Maria José da Silva Fialma Fidalgo de Oliveira, poeta, cronista, tradutora, é uma grande leitora

Que se alimenta, de forma antropofágica, de uma tradição literária nacional e universal [e que possibilita] um re-nascimento e permite uma leitura inovadora do cânone empoeirado. A escritora confronta desta maneira “re-descrições do mundo” através dos quais define uma prática feminina da escrita reivindicada por uma voz de melhor (MELO, s/p, 2012).

Adília Lopes representante da antiliteratura e da antipoesia, de uma espécie poética do apocalipse da linguagem nos tempos da globalização, se converteu numa poeta “pop” (LADEIRA, 2007, p.03). A poeta que gosta de ser chamada de poetisa para jogar com outros termos, como pitonisa, por exemplo, publicou a partir de 1985 (*Um jogo bastante perigoso*) mais de 21 livros – sua produção poética consta já de dois volumes compilados – muitos deles traduzidos para o italiano, francês, alemão e holandês. Sua obra não tem um consenso unânime de crítica e leitores, “ganhou gradualmente espaço no panorama da poesia portuguesa contemporânea” (MELO, s/p, 2012). Sempre sarcástica, irônica e aparentemente ingênua, encontramos em sua obra referências explícitas de uma série de autores como Ann Sexton, Sylvia Plath, Rimbaud, Verlaine, Camões, Clarice Lispector, Soror Mariana Alcoforado, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Bryner. Ladeira (2007) centra-se nas narrações curtas de Clarice, *A legião estrangeira* (1964), *Laços de família* e *A via crucis do corpo* (1974), e nas poesias

de Adília em *Obras* (2000) para empreender sua pesquisa. Sua técnica é semelhante à união de uma peça feita de fragmentos, como uma “colcha de retalhos, metáfora usada para mostrar como a poetisa retira, recorta e também copia trechos e fragmentos de outros escritores para compor os seus poemas” (SOUZA, 2014, p. 122). A crítica encontra, apesar da distância de geração e de gêneros entre Clarice e Adília, pontos de contato entre ambas as poéticas. Se Clarice é essencialmente ficcionista, não é menos importante a dimensão lírica de sua obra, Adília Lopes que é essencialmente poeta não resiste à prosa. Ademais, em sua opinião, a perspectiva feminina é algo tão intrínseco ao projeto

de ambas as autoras que estas parecem imunes a – e independentes de – quaisquer circunstancialismos históricos e políticos que, por exemplo, os vários movimentos feministas apresentaram em épocas e países diferentes. Nem exactamente feministas, nem o seu contrário – “pós-feminismo” será talvez o menos desadequado dos rótulos contemporâneos a aplicar à assinatura literária destas autoras no que diz respeito às representações do género sexual (LADEIRA, 2007, p. 05).

Outro aspecto que devemos destacar ao ler os poemas de Adília Lopes é que nos encontramos diante de textos aparentemente lúdicos, graças talvez à linguagem coloquial que utiliza. Por exemplo, no poemário *Club da poetisa morta* (1997), Adília Lopes escreve o conhecido poema à Clarice Lispector

Clarice Lispector,  
a senhora não devia  
ter-se esquecido  
de dar de comer aos peixes  
andar entretida  
a escrever um texto  
não é desculpa  
entre um peixe vivo  
e um texto  
escolhe-se sempre o peixe  
vão-se os textos  
fiquem os peixes (MELO, 2012, p. 308).

Poema em resposta ao conto infantil de Clarice, *A mulher que matou os peixes* (1968), em que a protagonista justifica a morte de dois peixes de seus filhos por causa de suas obrigações como escritora (LADEIRA, 2007). A poeta portuguesa recrimina Clarice Lispector de forma “paródica, irónica, provocadora, pós-moderna por excelência, conhecendo bem os riscos que se colocam às mulheres-poetas” (LADEIRA, 2007, p. 05), o fato de deixar morrer os tais peixes. Ademais de peixes, outros animais permeiam a obra de Adília Lopes, especialmente, os gatos. No entanto, agora, nos interessa destacar as baratas, outro animal referenciado na poética de Clarice Lispector, por exemplo, em *A paixão segundo G. H.*, pois a elas, Adília Lopes dedicou o volume *Dobra* (2009); o poema “Irmã barata, irmã barata” (SOUZA, 2014, p. 114-115) e em *O decote da dama de espadas* (2000), há um verso final, onde se lê, “Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanchar comigo”.

Não localizamos documentos que manifestem algum pensamento ou comentário de Agustina Bessa-Luís sobre a obra de Clarice Lispector, enquanto que nas autoras Lídia Jorge e Teolinda Gersão, encontramos um distanciamento intencional de sua obra em relação à Clarice Lispector, talvez por serem contemporâneas da geração denominada 25 de abril. Assim, podemos supor que os exemplos de intertextualidade, de laços e de relações que a crítica assinalou em certas obras das autoras portuguesas com outra da brasileira têm a ver com o acaso. Não significa que Lídia Jorge ou Teolinda Gersão ignorem ou desconheçam a obra de Clarice Lispector, pelo contrário, a consideram e a admiram. Trata-se mais de que Jorge e Gersão rechaçam Clarice como modelo de escritura. No entanto, o caso de Adília Lopes, escritora distanciada da geração de Clarice Lispector e do auge dos movimentos feministas – seja qual for a conotação que se queira dar a esse adjetivo – encontramos um diálogo fluido, evidente, descarado, entre a produção da poeta e da romancista.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. Analysis of the Relationship between Clarice Lispector and Some Portuguese Female Writers. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 168–181, 2015.

## Referências

ARF, L. M. G. *Entre abanicos e castanholas: recepção de Clarice Lispector na Espanha*. 2013. 354f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José de Rio Preto, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

ARÊAS, V. Em torno de Teolinda Gersão e Clarice Lispector. In: SILVA, T. C. C.; SILVEIRA, J. F.; SANTOS, G. (Org.). *Cleonice Clara em sua geração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1955. p. 664-671.

CARVALHO, M. P. *Água viva e o silêncio no jogo metaficcional entre forma e linguagem*. 2011. 47f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada – Universidade Federal de Pelotas), Pelotas, 2011. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/letras-pos/files/2012/02/%C3%81gua-viva-e-O-sil%C3%Aancio-no-jogo-metaficcional-entre-forma-e-linguagem.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

CASTRO, A. M. V. M. A busca da linguagem na mudez dos incêndios em Lídia Jorge e Clarice Lispector. *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 101-116, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/107>>. Consulta 17 dez. 2014.

COSTA, D. A. A Subjetividade como construtora da percepção crítica das personagens em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de Teolinda Gersão. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, 13 a 17 de julho de 2008. São Paulo: USP. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/076/DANIELA\\_COSTA.pdf](http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/076/DANIELA_COSTA.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

DAL FARRA, M. L. A mística em Agustina Bessa-Luís e Clarice Lispector. *Revista Chilena de Literatura*, Chile, n. 88, p. 63-76, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaliteratura.uchile.cl>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Duas vertentes da iberoamericanidade: Agustina e Clarice. In: 54 Congreso Internacional de Americanistas, Construyendo diálogos en las Américas, de 15 a 20 de julho, 2012. Viena-Austria. Disponível em: <<https://ica2012.univie.ac.at/index.php?>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

DUARTE, E. Cinco mulheres, cinco caminhos em obra da portuguesa Lídia Jorge. *Hoje em Dia*, s/p., 03 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/almanaque/literatura/cinco-mulherescinco-caminhos-em-obra-da-portuguesa-lidia-jorge-1.52601>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

DUMAS, C. A propósito do sujeito feminino em literatura contemporânea: *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector, *A Paixão Segundo Constança H.*, de Maria Teresa Horta, *Sob o Olhar de Medeia*, de Fiama Hasse Pais Brandão. *Passages de Paris*, n. 1, p. 102-115, 2005. Disponível em: <<http://www.apebfr.org/passagesdeparis/edition1/articles/p102-DUMAS.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

FERRO, L. C. S. Da identidade à palavra empenhada: um estudo comparado de *A hora da estrela* e *O vale da paixão*. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 6, p. 01-13, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54980/58624>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

FILHO, A. G. A vanguarda lusa depois de Salazar. *Cultura Estadão*, São Paulo, 10 fev. 2012. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-vanguardalusadepois-de-salazar,831104>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

GARCÍA, M. J. F. La literatura de los siglos XX y XXI. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). *Historia de la literatura portuguesa*. Mérida: Junta de Extremadura, 2011. p. 251-497.

JORGE, L. Para Clarice Lispector. In: LISPECTOR, C. *Laços de família*. Lisboa: Relógio d'Água, 1989. p. 01-06.

LADEIRA, A. Gênero, perversão e subversão em Clarice Lispector e Adília Lopes. *Revista Literatura e Cultura (LitCult)*, Rio de Janeiro, n. 6, 2007. Disponível em: <<http://litcult.net/site/genero-perversao-e-subversao-em-clarice-lispector-e-adilia-lobes/>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

LEAL, F. Uma leitura dos silêncios: aproximações entre Teolinda Gersão e Clarice Lispector. *Espéculo - Revista de Estudios Literarios de la UCM*, Madrid, n. 37, p. 01-11, 2007. Disponível em: <<http://www/info/especulo/numero37/silencio/html>>. Acesso em: 11. nov. 2014.

LESSA, B. P. Clarice Lispector e Lúcia Jorge: Feministas ou femininas? 2011. 67f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade de Utrecht, Utrecht, 2011. Disponível em: <<http://dspace.library.uu.nl/handle/1874/210466>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

MACHADO, Á. M. Leituras e Sobrevivências Intertextuais: Clarice Lispector e Teolinda Gersão. *Terceira Margem – Revista do Centro de Estudos Brasileiros*, Porto, n. 5, p. 43-46, 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7421.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

MELO, S. R. Adília Lopes. Dobra — Poesia Reunida 1983-2007. *Lletra de Dona*. Barcelona, Centre Dona i Literatura/Universitat de Barcelona, 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/cdona/lletradedona/dobra-poesia-reunida-1983-2007>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

MENDES, M. P. A Metaleitura na Voz Narrativa Feminina: Clarice Lispector e Teolinda Gersão. *Via Atlântica – Revista de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 1, p. 102-107, 1997. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via01/via01\\_09.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via01/via01_09.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira*. Vol. III. Modernismo. São Paulo: Cultrix, 2009.

MONTFORT, L. Nem musa, nem medusa. *Gazeta Digital*, Cuiabá, 08 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/62/materia/267513>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. Lúcia Jorge (1946-): ¿Edad individual/Edad colectiva? In ALMELA, M.; GUZMÁN, H.; SANFILIPPO, M.; ZAMORANO, A. (Coords.). *Tiempo de mujeres. Literatura, edad y escritura femenina*. Madrid: UNED, 2015. p. 195-210.

QUEIROZ, G. D. *Eu e Lúcia: a construção das personagens em Água Viva e O Silêncio*. 2014. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/letras/eventos/index/mostrar/id/2848>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

RECTOR, M. La escritura femenina luso-brasileña: una muestra textual de Clarice Lispector. In: FLANC – Foreign Language Association of North Carolina-AATSP, NC., Greensboro, p. 01-08, oct./1996. [Inédito]. Disponível em: <[http://www.monicarector.com/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=40&limit=50&limitstart=0&order=hits&dir=DESC&Itemid=1](http://www.monicarector.com/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=40&limit=50&limitstart=0&order=hits&dir=DESC&Itemid=1)>. Acesso em: 13 fev. 2015.

REIS, C. O post-modernismo e a ficção portuguesa no fim do século. In: \_\_\_\_\_. (Dir.). *História crítica da literatura portuguesa. Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo. Vol 9.* Lisboa/São Paulo: Verbo, 2005. p. 285-318.

RIBEIRO, E. A. A. A vida sob leitura. Primeiros encontros com Teolinda Gersão. 21/10/2009. Disponível em: <<http://pietrasopralinea.blogspot.com.es/2009/10/primeirosencontros-com-teolinda-gersao.html>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

SOUSA, Ph. M. *A tessitura poética de Adília Lopes.* 2014. 139f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-27062014-124332/pt-br.php>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

Original recebido em: 18/05/2015; aceito em: 12/07/2015

Tradução recebida em: 08/11/2015